

# *Documentos e processo do tradutor de poesia<sup>1</sup>*

Cristiane Grando / Universidade Estadual de Campinas

“... traduire est un laboratoire d’écrire.”

Henri Meschonnic

“... o trabalho de tradução envolvia para os românticos – como também mais tarde para Benjamin – um esforço no sentido de se tentar alargar os horizontes e a capacidade da língua para a qual se traduz: a tradução é um elemento da formação, *Bildung*.”

Márcio Seligmann-Silva

O TRADUTOR há de se acostumar a lidar com as perdas. Em toda tradução há perdas, por menores que sejam. No entanto, ao traduzir, novas soluções sonoras, estruturais ou mesmo de significado são encontradas. Afinal, a tradução, esse “jogo de perde-ganha”, nas palavras de Haroldo de Campos, implica a criação de *um novo texto*. De acordo com Márcio Seligmann-Silva,

1. Texto apresentado no *VIII Encontro Internacional da Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML): Leituras do Processo*. Casa da Cultura Japonesa (USP). São Paulo, 20 de outubro de 2005.

Tradução

Ao menos desde Parmênides “falar de algo” é concebido antes de mais nada como falar de algo ausente. O discurso exige a saída, vale dizer, a perda do objeto, o seu abandono em favor da palavra. [...] Mas se, por um lado, é verdade que ao transpor-se um texto de uma língua para outra sacrificam-se os elementos “próprios” da língua de partida, para os quais não se encontra um correspondente na língua de chegada, por outro lado deve-se antes de tudo, para poder traduzir, abandonar a sua própria língua.<sup>2</sup>

No âmbito da Crítica Genética, a pergunta – *como* realizar a tradução de um poema? – leva-nos a respostas instigantes. Entramos no universo dos processos criativos do tradutor e passamos a observar seus documentos de processo. Felizmente não há receita nem tradutor automático que deem conta da complexidade dos processos que a tradução envolve. Cada texto, sendo único, exige reflexões singulares. Sendo literário, as dificuldades de tradução aumentam, pois o tradutor não se atém somente aos significados do texto de partida, mas também às sonoridades, ao ritmo e à forma, por exemplo. Experiências anteriores do tradutor certamente iluminam os desafios de recriação de um texto literário. Proponho, com este trabalho, que o olhar do tradutor esteja voltado para os *processos criativos*. A seguir, apresentarei exemplos de minhas próprias experiências como tradutora.

2. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Haroldo de Campos: tradução como formação e “abandono” da identidade. In: *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005, pp.189-190.

## OUTRAS TRADUÇÕES DE UM “MESMO” POEMA

Os documentos de processo de um tradutor de poesia registram muita pesquisa e interpretação. Tem-se em conta a interpretação do poema no contexto da obra e de outras obras do mesmo autor. Interpretação do poema e da obra, que se amplia quando o tradutor conhece os manuscritos e estuda os processos criativos do autor que está traduzindo. Na busca de compreensão de um texto literário, traduções do “mesmo” texto *para outras línguas e para a mesma língua* da tradução proposta servem como documentos de processo do tradutor. Nessa *construção de intertextos*, outro tipo de processo, por exemplo, o descrito pelo poeta-tradutor Haroldo de Campos, retomado por Seligmann-Silva, é elucidativo: *obras fundamentais da língua de chegada influenciando no processo tradutório* – uma dicção cabralina e influências da poesia de Sousândrade na tradução do *Fausto* de Goethe, um tom roseano para traduzir o *Finnegans Wake* ou técnicas medievais de paralelismo para *compensar* as diferenças em relação a textos de partida em chinês<sup>3</sup>. Quando realizei minha primeira tradução de Hilda Hilst para o francês, em 2001, utilizei como texto de partida o poema “Calmoso, longal e rês” e a tradução ao francês realizada por Álvaro Faleiros. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, “é tática prudente de recorrer a soluções de outros tradutores, em idiomas mais vizinhos do nosso”<sup>4</sup>. Diria que também é prudente *recorrer a várias traduções de um*

3. Ibidem.

4. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Traduções e O espírito e a letra. In: *O espírito e a letra*. Vol. II. Org. de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224.

“*mesmo*” texto para uma mesma língua. As várias versões de um texto traduzido ao longo do tempo podem servir como documentos de processo. Claro está que não tem sentido algum propor uma tradução que seja praticamente idêntica a versões anteriores.

Todo texto é original e toda tradução, sendo *um novo texto*, também o é. As expressões *texto de partida* ou *texto de origem* seriam mais adequadas que texto original pois a palavra *original*, nesse caso, não seria marca distintiva entre textos de uma língua e de outra, independente de se tratar de tradução ou não. São infinitas as formas que um texto pode ganhar quando traduzido. Por isso, novas traduções são válidas, mesmo quando já existem outras circulando no mercado editorial.

The naming of cats

The Naming of Cats is a difficult matter,  
 It isn't just one of your holiday games;  
 You may think at first I'm as mad as a hatter  
 When I tell you, a cat must have THREE DIFFERENT NAMES.  
 First of all, there's the name that the family use daily,  
 Such as Peter, Augustus, Alonso or James,  
 Such as Victor or Jonathan, George or Bill Bailey  
 All of them sensible everyday names.  
 There are fancier names if you think they sound sweeter,  
 Some for the gentlemen, some for the dames:  
 Such as Plato, Admetus, Electra, Demeter –  
 But all of them sensible everyday names.  
 But I tell you, a cat needs a name that's particular,  
 A name that's peculiar, and more dignified,

Else how can he keep up his tail perpendicular,  
Or spread out his whiskers, or cherish his pride?  
Of names of this kind, I can give you a quorum,  
Such as Munkustrap, Quaxo, or Coricopat,  
Such as Bombalurina, or else Jellylorum –  
Names that never belong to more than one cat.  
But above and beyond there's still one name left over,  
And that is the name that you never will guess;  
The name that no human research can discover –  
But THE CAT HIMSELF KNOWS, and will never confess.  
When you notice a cat in profound meditation,  
The reason, I tell you, is always the same:  
His mind is engaged in a rapt contemplation  
Of the thought, of the thought, of the thought of his name:  
His ineffable effabel  
Effanineffable  
Deep and inscrutable singular Name.

T.S. Eliot

“O nome dos gatos” de T.S. Eliot à moda de Hilda Hilst

Dar Nome aos Gatos é difícil matéria,  
Não certamente um jogo de férias;  
Podes pensar a princípio que sou doido e irreverente  
Quando digo que o gato tem TRÊS NOMES DIFERENTES.  
O primeiro de todos, o que a família usa todo dia,  
Como Pedro, Augusto, Afonso ou Jorge,  
João Vítor ou Vitória, Zé Luis ou Josefina –  
Todos são nomes do dia-a-dia.  
Há nomes extravagantes que soam como melodia,  
Tanto aos *gentlemen* quanto às *ladies*:  
Como Platão, Hamlet, Electra ou Demétrio –  
Mas todos são nomes do dia-a-dia.

Tradução

Asseguro-lhe que um gato precisa de um nome singular  
 Um nome que seja peculiar e grave;  
 De que outro modo ele manteria para cima o rabo,  
 Ou estenderia seus bigodes, ou estimaria seu orgulho?  
 Dos nomes da última espécie, posso lhe conceder um quorum,  
 Como Matamoros, Qadós ou Ruiska,  
 Kazantzákis, Nikos ou Mirtza –  
 Nomes que nunca pertencem a mais de um gato.  
 Mas acima e além de tudo um só nome se sobressai,  
 E esse é o nome que nunca adivinharás;  
 O nome que só os felinos sabem encontrar –  
 SÓ O PRÓPRIO GATO CONHECE e jamais confessará.  
 Quando tomares conhecimento de um gato em profunda meditação,  
 A razão, lhe digo, é sempre a mesma:  
 Sua mente está ocupada, em elevada contemplação  
 Da ideia, da ideia, da ideia de seu nome:  
 Inefável indizível  
 Inefadizível  
 Profundo e inescrutável Sem Nome.

Tradução de Cristiane Grando

Movida pelo desejo de incorporar elementos hilstianos no universo dos gatos de T. S. Eliot, apresento uma nova versão em português para o poema “The naming of cats”. Esse desejo surgiu quando, em minha primeira leitura, associei imediatamente os nomes de gatos “Munkustrap” e “Quaxo” a “Matamoros” e “Qadós”, personagens hilstianas. Li o poema de Eliot acompanhado da tradução proposta por Ivo Barroso: “mad as a hatter” é traduzido por “doido como um chapeleiro”. A primeira tradução de “mad” que me viria à cabeça seria “louco”, se não lesse o poema de Barroso, que apresenta como escolha tradutória para “mad”,

“doido”. Neste caso, o texto de Ivo Barroso faz parte dos documentos de processo do tradutor.

Na nova versão, a referência a *Alice no país das maravilhas* é suprimida, mas o texto que proponho tem a vantagem de apresentar algo novo em relação ao que foi publicado anteriormente, sem o que não faria sentido retraduzir um texto clássico. Segundo Ana Maria Machado, “na época [de Lewis Carroll] era comum encontrar chapeleiros loucos, porque se usava tanino na fabricação de chapéus e essa substância intoxicava e enlouquecia”<sup>5</sup>. Optei por apagar a referência à obra de Lewis Carroll a fim de aproximar o texto do leitor brasileiro. Nesse caso, nota-se claramente a importância de edições bilíngues: tendo o texto de partida e o de chegada lado a lado, um leitor culto não perderia essa referência histórica. Poderia ter evitado essa perda, mas o esquema de rimas que foi sendo criado em minha mente enquanto traduzia levou-me a outro caminho. Nesse sentido, o tradutor de poesia passa por *processo criativo semelhante ao que vivencia o poeta*: o texto literário vai sendo (re)criado e vai indicando os caminhos que quer percorrer; o criador – poeta e/ou tradutor – é tomado pelo texto que está sendo criado.

O neologismo “Efffanineffable”, recriado por Ivo Barroso como “Inefanifável”, ganha nova forma em “Inefadizível”. Nesse caso, a tradução de Barroso pode ser vista novamente como documento de processo da tradução que apresento, pois analisei a forma como o

5. MACHADO, Ana Maria. Sobre a tradução. In: CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1999, p. 134.

tradutor procedeu para criar neologismo semelhante ao proposto por Eliot, o que guiou meus passos em direção a outro neologismo em língua portuguesa.

Se vires um gato em profundo mutismo,  
Saibas a razão que o tempo lhe consome:  
Sua mente paira a divagar no abismo  
E ele pensa, e pensa, e pensa no seu nome:  
No inefável afável  
Inefanifável  
Fundo e inescrutável sentido de seu Nome.

Tradução de Ivo Barroso

Em traduções literárias, muito mais que a busca de significados, o importante é a (re)criação de efeitos poéticos conseguidos através do uso de determinados ritmos, aliterações, assonâncias, rimas, entre outros parâmetros que justifiquem as escolhas tradutórias. Um bom poema traduzido é aquele que se sustenta como poema na língua de chegada, sem perder o tom do texto de partida.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIOT, T.S. *Os gatos*. Trad. de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.
- HILST, Hilda. *Da morte. Odes mínimas. De la mort. Odes minimes*. Edição bilíngue. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Nankin Editorial; Montréal: Le Noroît, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Traduções e O espírito e a letra. In: *O espírito e a letra*. Vol. II. Org. de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



MACHADO, Ana Maria. Sobre a tradução. In: CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1999.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Haroldo de Campos: tradução como formação e “abandono” da identidade; Coisas e anjos de Rilke e o desafio da tradução. In: *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura*.

Tradução